



TRABALHO FINAL

MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA

Clínica Universitária de Otorrinolaringologia

D. Fernando de Almeida

Carolina Cerqueira Moreira

ABRIL'2020



TRABALHO FINAL

MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA

Clínica Universitária de Otorrinolaringologia

D. Fernando de Almeida

Carolina Cerqueira Moreira

Orientado por:

Professor Dr. Victor de Oliveira

ABRIL'2020

Resumo

D. Fernando de Almeida é um nome pouco conhecido da Medicina portuguesa e, em particular, na Faculdade de Medicina de Lisboa, onde se formou e leccionou, ficando assim muito distante do reconhecimento que nomes como Egas Moniz, Reynaldo dos Santos ou Henrique de Vilhena, alcançaram. Muito maior é o seu reconhecimento na área da História e Arqueologia. De facto, ouvimos pela primeira vez o seu nome numa visita ao Teatro Romano de Lisboa. Ao pesquisar sobre ele, descobrimos uma vida fascinante, dedicada a duas paixões: a Medicina e a História/Arqueologia. Consideramos injusta a sombra de esquecimento que sobre ele se abateu. Por isso, este trabalho tem como objectivo iluminar a memória de alguém que consideramos merecer ser recordado.

Destacamos o seu contributo para a Neurologia do qual ressalta, em particular, as investigações e artigos em colaboração com Egas Moniz e Abel Alves.

Egas Moniz, nome maior da neurologia portuguesa do século XX, perpetuado sobretudo pela descoberta da angiografia cerebral, pela primeira vez executada no homem vivo em 1927, continuou a desenvolver esta técnica e a aperfeiçoá-la. Alguns desses estudos, cinco no total, contaram com o apoio de Fernando de Almeida, que teria ainda tempo, durante a sua carreira, para se especializar em ginecologia-obstetrícia e, aos 51 anos, licenciar-se em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa, iniciando uma nova carreira na História e na Arqueologia, tão ou melhor sucedida como a anterior, provando assim que um médico é muito mais que alguém que só sabe de medicina.

Palavras-chave: Egas Moniz, Anatomia, Angiografia Cerebral, Arqueologia, Alta Idade Média Portuguesa

Abstract

Fernando de Almeida is not a very well-known name among doctors, even those from the same Faculty where he studied and taught. His name doesn't get the recognition of others like Egas Moniz, Reynaldo dos Santos or Henrique de Vilhena. He is much more known in the field of History and Archaeology. The first time we heard about him was on a trip to the Roman theatre in Lisbon. In our research about him we found a fascinating life, dedicated to Medicine and History/ Archaeology. He doesn't deserve to be forgotten therefore the objective of this work is to shed a light on his life.

We highlight his contribution to Neurology and in particular his work with Egas Moniz and Abel Alves. Egas Moniz was (and still is) the biggest name in neurology in 20th century Portugal, for his discovery and application of angiography, for the first time in 1927. Some of his studies, five in total, had the collaboration of Fernando de Almeida.

When he was 51 years old, Fernando de Almeida graduated in Historical and Philosophical Sciences from the Faculty of Arts and Humanities of Lisbon and started a new and successful career in History and Archaeology, thus proving that a doctor is much more than someone who knows about medicine.

Key Words: Egas Moniz, Anatomy, Cerebral Angiography, Archaeology, Portuguese High Middle Ages

Índice

1. Resumo.....	3
1. Abstract.....	4
2. Introdução.....	6
3. Início de vida e Formação Inicial.....	7
4. Primeiros passos como Médico, Professor e Investigador	8
5. Contributo para a Neurologia.....	8
Trabalhos científicos na área da Neurologia.....	8
Artigos em colaboração com Egas Moniz	9
6. Uma carreira médica notável.....	12
7. Mudança de vida.....	13
8. Legado na Arqueologia.....	15
9. Conclusão.....	16
10. Agradecimentos.....	17
11. Referências Bibliográficas.....	18
12. Anexos.....	20

Introdução

Fernando de Almeida nasceu a 28 de Novembro de 1903 no Fundão e formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina de Lisboa em 1927.

Começou logo, no ano de licenciatura, a colaborar como assistente voluntário no Instituto de Anatomia, dirigido pelo Prof. Henrique de Vilhena, e no Serviço de Cirurgia, dirigido pelo Prof. Reynaldo dos Santos. Este gosto pelo ensino irá acompanhá-lo ao longo da sua vida.

Os seus primeiros artigos surgiram na área da Neurologia e da Anatomia. Entre 1932 e 1933 publicou cinco artigos em colaboração com Egas Moniz, dedicados à aplicação da técnica da angiografia cerebral.

Por esta altura iniciou a sua especialização, como interno, em Obstetrícia e Ginecologia, na Maternidade Dr. Alfredo da Costa, a qual terminou em 1940. Seria médico especialista naquele hospital até 1948, ano em que se tornou Chefe dos Serviços Externos do Instituto Maternal. Iria ocupar este cargo durante 10 anos, até 1958. Desde esse ano e até 1966 desempenharia funções como Inspector Clínico adjunto da Direcção do Instituto Maternal, numa altura em que já tinha abandonado quase por completo a prática clínica.

Em 1949, com 46 anos, decide tirar o curso de Ciências Históricas e Filosóficas, na Faculdade de Letras de Lisboa, terminando a licenciatura em 1954. A sua carreira nesta área, que se estenderá por 30 anos, até ao final da sua vida, será de grande importância e contribuirá para o avanço do conhecimento, sobretudo, da Alta Idade Média em Portugal.

No total, ao longo da sua vida, Fernando de Almeida escreveu 143 trabalhos, 50 na área da medicina e 93 nas áreas de História e Arqueologia.

Com uma vida e obras tão profícuas, é de surpreender as poucas referências ao seu nome na Faculdade onde inicialmente se formou e dedicou parte da sua vida, quer ao ensino, quer à investigação. Este trabalho tem por objectivo contribuir para a reparação da sua memória, dando especial destaque à colabora o com Egas Moniz, mas não deixando de referir os principais sucessos de uma carreira médica preenchida e uma carreira arqueológica ainda mais recheada.



Fig: 1 – D. Fernando de Almeida

Início de Vida e Formação Inicial

D. Fernando de Almeida, de seu nome completo, Fernando António de Almeida e Silva Saldanha, nasceu no Fundão, Castelo Branco, a 28 de Novembro de 1903.

«Oriundo de nobre família, o Dom que usava, antecedendo o seu nome, foi, ao longo da sua vida fecunda, também legitimado, pelos múltiplos “dons” da sua alma generosa que são os que, verdadeiramente, interessam.» ⁽¹⁾ Era filho de D. Fernando António de Nazaré de Almeida e Silva de Saldanha (1873-1942), médico no Fundão, e Maria do Carmo de Figueiredo Falcão Frazão Saldanha (1877-1933). Seu bisavô paterno foi Fernando António de Almeida e Silva, 1º conde de Oliveira dos Arcos, título atribuído pelo rei D. Miguel I de Portugal.

Da sua infância pouco ou nada se sabe, apenas que o contacto com a Medicina e alguns dos seus expoentes o acompanharam desde sempre por virtude do pai, licenciado em Medicina pela Universidade de Coimbra, onde foi colega de turma e amigo de Egas Moniz, tendo ambos completado o curso no ano de 1899. (ANEXO 1) Essa relação de amizade que os uniu persistiu para além do curso, como se documenta no assento de baptismo de D. Fernando de Almeida, celebrado a 04 de Janeiro de 1904, na igreja paroquial de São Martinho, Fundão, onde se verifica que Egas Moniz foi padrinho de D. Fernando. (fig: 2)

Concluído o curso dos liceus e os preparatórios médicos em Coimbra matriculou-se na Faculdade de Medicina de Lisboa, tendo concluído o curso em 1927 com a classificação final de 16 valores (“Bom com Distinção”).

Começou a exercer, nesse mesmo ano, funções de assistente voluntário no Instituto de Anatomia, dirigido pelo Professor Henrique de Vilhena e do Serviço de Cirurgia, dirigido pelo Prof. Reynaldo dos Santos.

Nos dois anos seguintes iria aprofundar os seus estudos, fazendo duas pós-graduações: uma em Hidrologia e Climatologia e outra em Medicina Sanitária.

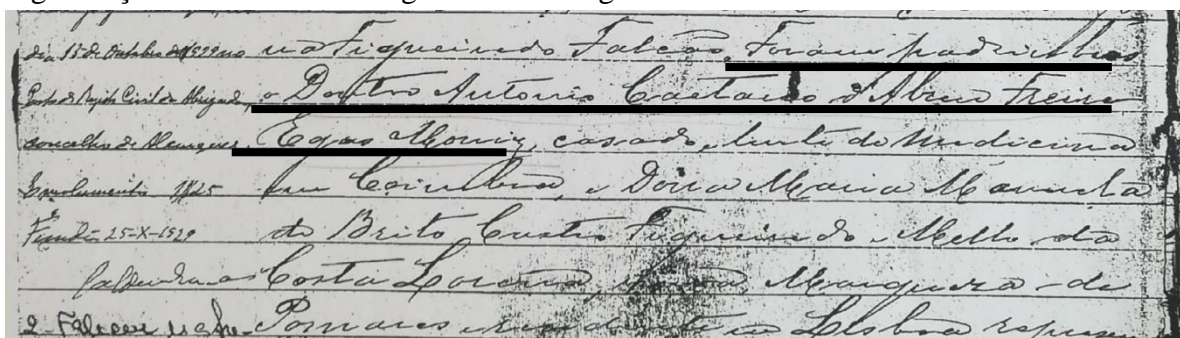


Fig: 2 -Assento de Baptismo de Fernando de Almeida, 04 de Janeiro de 1904, pormenor.
Texto destacado: “Foram padrinhos o Doutor António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz (...)”
Fonte: Conservatória do Registo Civil do Fundão.

Primeiros passos como Médico, Professor e Investigador

Em 1929 começou a trabalhar como Interno dos Hospitais Cíveis de Lisboa. No mesmo ano assume funções como Assistente de Anatomia na Faculdade de Medicina de Lisboa, cargo que iria exercer até 1937, altura em que passou a leccionar na Cadeira de Cirurgia.

No ano de 1930, acumularia ainda a função de Professor de Anatomia e Fisiologia da Escola Superior de Educação Física. Nesse mesmo ano, na Lição Inaugural da Cadeira, explica aos novos alunos a importância da Anatomia para o verdadeiro conhecimento do corpo humano, terminando com o seguinte conselho: “não só não descurem a Anatomia, base de qualquer estudo sobre o corpo humano, como tenham por ela a consideração que merecem os seus longos séculos de existência e a olhem como ciência sempre nova, se bem que velha.”⁽²⁾

De forma quase profética de um tempo que ainda se encontrava longínquo, D. Fernando de Almeida, incluiu na sua apresentação não só as bases históricas da evolução do estudo da Anatomia mas também vários apontamentos que traduzem um vasto conhecimento em outras áreas que não apenas Medicina como é a história de Erasístrato, médico da corte do rei Seleuco, e de que forma este conseguiu autorização real para dissecar cadáveres em prol do conhecimento científico.

Esta breve Lição, proferida quando D. Fernando de Almeida era ainda um jovem de 27 anos, revelará já uma inclinação natural para o ensino e um interesse por História.

Contributo para a Neurologia

Trabalhos científicos na área da Neurologia

A sua prolífica produção científica inicia-se quase imediatamente após a licenciatura, a par com a docência na cadeira da Anatomia e talvez por isso as suas primeiras publicações versassem assuntos anatómicos.

A maioria destes trabalhos iniciais será no campo do Sistema Nervoso, mais concretamente na descrição da circulação cerebral, num total de 13 publicações.

Num dos seus primeiros artigos, intitulado *Note sur les collatérales de l'artère communicante cérébrale antérieure*⁽³⁾, propôs dois tipos de classificação das colaterais da Artéria Comunicante Anterior: uma, quanto ao diâmetro dos vasos (finos, médios e grossos) e outra, quanto ao seu trajecto (anteriores, superiores e posteriores).

Publicaria, pouco depois, um extenso trabalho descritivo que tinha como objectivo “estudar as variações da Artéria Sílvia e suas colaterais, na superfície do cérebro” ⁽⁴⁾. Estudou para tal 50 cérebros de cadáveres, fornecidos pelos Hospitais Cíveis de Lisboa, e 250 encefalografias arteriais que faziam parte da colecção do Serviço de Neurologia do Hospital Escolar, disponibilizadas por Egas Moniz e aproveitaria ainda estas observações para várias das suas obras.

Seguiu-se uma outra publicação, desta vez descrevendo detalhadamente a distribuição das Artérias Cerebral Anterior e Comunicante Anterior na superfície do cérebro ⁽⁵⁾.

Publicou em 1935 na *Revue Neurologique* o resumo de um trabalho apresentado no Congresso Internacional de Neurologia, em Londres, sobre a técnica desenvolvida por Egas Moniz e consequentes descobertas e avanços mais importantes no conhecimento da anatomia do cérebro ⁽⁶⁾. No ano seguinte publicou, numa revista italiana, o resumo de uma exposição sobre o mesmo tema feita em Bolonha, na Sociedade de Cirurgia local (7).

Outros trabalhos incluíram observações, comentadas e ilustradas, resultantes de disseções das suas aulas práticas, de vários elementos da anatomia humana, desde músculos, vasos e nervos até órgãos como o fígado e o rim.

A referir ainda, a publicação em 1944 de um artigo sobre a circulação cerebral, numa altura em que a maioria da sua investigação e produção científicas se desenrolava já na área da Ginecologia e Obstetrícia: *Considerações sobre a distribuição das Artérias Sílvia e Cerebral Anterior na superfície do cérebro de recém-nascidos de termo* ⁽⁸⁾ juntando assim a sua experiência anterior em Neurologia com a sua mais recente área de interesse.

Colaboração com Egas Moniz

Notava-se já, nos primeiros trabalhos de D. Fernando de Almeida, uma proximidade com Egas Moniz, seu padrinho, através da disponibilização de encefalografias arteriais para um estudo mais completo da circulação cerebral, adicionando à disseção em cadáver, o estudo da anatomia no vivo. Uma colaboração ainda mais estreita resultaria em cinco artigos conjuntos, de um total dos 13 dedicados ao tema da circulação cerebral. Três destes cinco artigos contaram também com a colaboração de Abel Alves.

Dois deles: *Visibilidade aos Raios X das veias profundas do cérebro* ⁽⁹⁾ e *Os seios venosos da dura-máter, sua visibilidade aos Raios X* ⁽¹⁰⁾, foram publicados na revista *Lisboa Médica* em 1932, e são, de certa forma, complementares. No primeiro artigo os autores procuraram, tanto em flebografias no vivo como no cadáver, descrever as veias profundas do cérebro, mais concretamente a Veia de Galeno e a Veia Basilar, analisando o trajecto de cada uma e suas afluentes. Insistia na importância do estudo completo da circulação cerebral e dos seios venosos, em particular o Seio Recto e o Seio Longitudinal Inferior pois, pela posição destes, poderiam servir de ponto de referência a determinadas investigações diagnósticas em caso dos tumores cerebrais.

No outro artigo começa por explicar a técnica da encefalografia arterial pelo uso do Thorotrast, que “abriu novos horizontes à visibilidade, pelos raios X, dos vasos do cérebro.” ⁽¹⁰⁾ Nele se focavam as suas observações nos seios da dura-máter, em particular o Seio Recto e o Seio Longitudinal Inferior. Resumidamente: eram injectados 10 a 12 cc. de Thorotrast na Artéria Carótida Primitiva e, em seguida, obtinham-se as imagens angiográficas (Fig: 3–A), dois segundos depois obtinha-se uma nova radiografia (Fig: 3–B), conseguindo-se assim visualizar a rede venosa do cérebro (flebografia de primeira fase). Aumentando a dose de contraste e esperando mais alguns segundos, era possível realizar uma flebografia “de segunda fase” e visualizar os seios (Fig: 3–C). Uma das grandes dificuldades apontadas pelos autores era a de encontrar o equilíbrio entre o tempo de injeção e o tempo de retirada do filme para captar o Thorotrast nas estruturas pretendidas. Outro dos impedimentos a uma visualização perfeita dos seios era a mistura do sangue opacificado de um hemisfério com o sangue do hemisfério oposto (sem contraste), o que diminuía a qualidade da visualização do Seio Longitudinal Inferior, por este receber metade de sangue opacificado, revelou ser mais fácil de avaliar nas radiografias no vivo do que no cadáver (neste caso, a injeção de contraste era aplicada simultaneamente nas duas Jugulares Internas). Refere ainda ter encontrado discrepâncias entre o que observaram e as descrições dos tratados de anatomia, como o *Testut*, no que diz respeito ao trajecto dos seios, avançando com duas explicações: a primeira refere que ao estudar o cérebro, retirando-o do crânio, se perde a sua suspensão natural, na tenda e na foice. O outro factor que alterava a posição do seio no cadáver por comparação com o vivo é a alteração da pressão hidráulica do líquido no sistema ventricular cerebral após a morte.

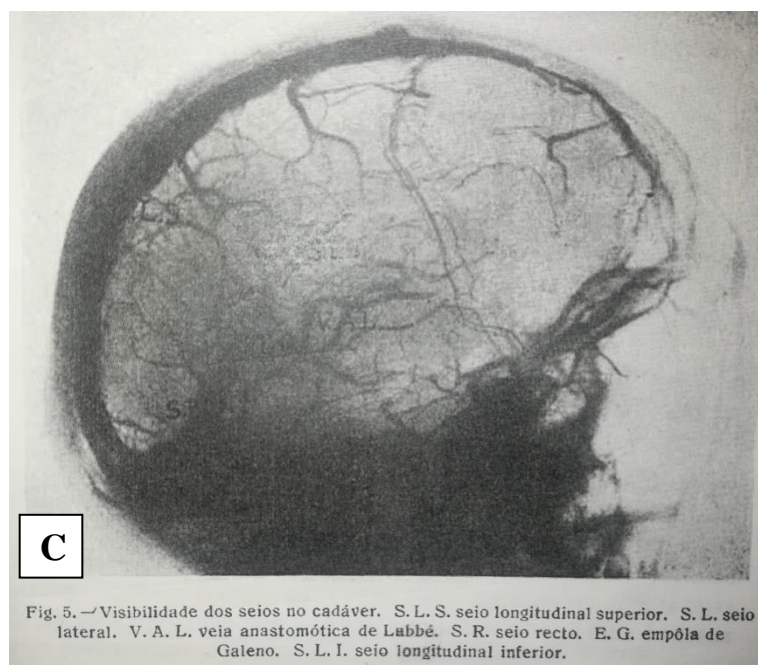
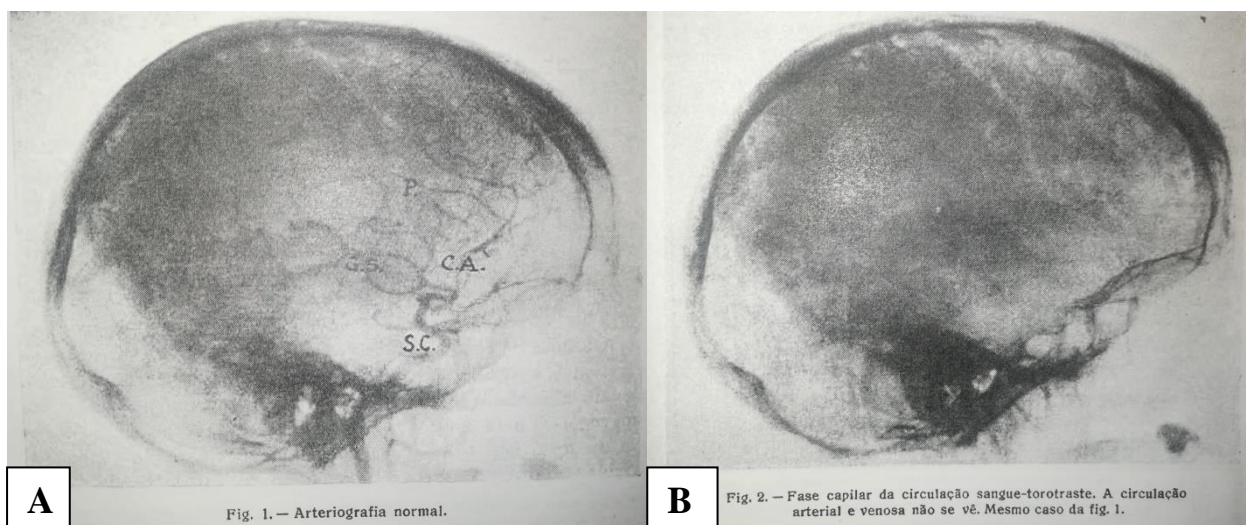


Fig. 3 —In: *Os seios venosos da dura-máter, sua visibilidade aos raios X*.

Egas Moniz (em colaboração com Abel Alves e Fernando de Almeida), Lisboa Médica, Junho de 1932.

Das publicações anteriores, e de alguma pesquisa adicional, resultou um artigo com o título: *Seio Recto e Seio Longitudinal Inferior* ⁽¹¹⁾, publicado em 1932 e que constitui um extenso trabalho, exclusivamente anatómico, onde os autores se dedicaram a estudar a direcção do Seio Recto e do Seio Longitudinal Inferior concluindo que, por serem a continuação um do outro em curva regular, deveriam ser considerados como um único seio. Concluía ainda que as imagens flebográficas discordam dos esquemas anatómicos e termina dizendo: “Em resumo, devemos fazer, ao lado da *anatomia*

estática do cadáver, uma outra anatomia, que podemos classificar de *dinâmica*, surpreendida no vivo, à luz da actividade funcional dos órgãos que a morte muitas vezes adultera, modificando-lhe a posição e alterando-lhe as relações.”⁽¹¹⁾ Demonstram assim a necessidade, para a prática clínica e para próprio rigor da anatomia, de técnicas como as que Egas Moniz se encontrava a desenvolver e a aperfeiçoar para permitir o estudo no vivo.

Em *La visibilité des Sinus de la dure-mère par l'épreuve encéphalographique*⁽¹²⁾ publicado em *La Presse Médicale* em 1932, compara, no cadáver e no vivo, a disposição das veias do encéfalo. Apesar do material aproveitado pelos autores ser um pouco diferente dos artigos referidos anteriormente, as conclusões são idênticas.

Em *Le Sinus Droit et l'Ampoule de Galien opacifiés par la voie du Tronc Basilaire*⁽¹³⁾ publicado em 1933, os autores fazem uma extensa e detalhada descrição da circulação arterial e venosa do cérebro, concluindo que existe uma forte circulação venosa no Tronco Basilar, de tal forma que opacifica outras estruturas, demonstrando assim a importância da circulação do mesencéfalo e da parte pósterio-inferior do Lobo Occipital, derivada do Tronco Basilar.

Esta colaboração, apesar de breve, mostrou ser prolífica e permitiu a D. Fernando de Almeida trabalhar com Egas Moniz e participar activamente nas investigações daquele que ainda hoje é considerado a mais importante figura da Medicina em Portugal. Além disso, deu-lhe a possibilidade de se adestrar no método científico que mais tarde viria, com sucesso, a aplicar à Arqueologia.

Uma carreira médica notável

Continuaria a escrever e a publicar artigos na área de Anatomia e na sua área de especialidade. Em 1937 iniciou funções como docente de Cirurgia na Faculdade de Medicina de Lisboa, nomeado efectivo por concurso em 1938. Seria professor desta cadeira até 1942.

Concluiu o internato de Obstetrícia e Ginecologia, no ano de 1940, na Maternidade Dr. Alfredo da Costa, onde iria permanecer até 1948. No ano seguinte iniciou funções como Chefe dos Serviços Externos do Instituto Maternal, onde ficaria até 1958. Desse ano e até 1966, seria Inspector Clínico adjunto da Direcção do Instituto Maternal. Em 1966 entrou em regime de licença de duração indefinida, dedicando-se, a partir deste momento, inteiramente à sua bem-sucedida carreira de arqueólogo.

Como ginecologista e obstetra produziu um número substancial de publicações na área, desde o já referido artigo sobre a circulação cerebral nos recém-nascidos ⁽⁸⁾, como também vários casos clínicos de patologias raras que operou, revisões da literatura da época sobre temas como o aborto, a esterilidade ou a endometriose e publicou, ainda, sobre a aplicação de técnicas como a anestesia durante o parto ou a histero-salpingografia.

Do seu recheado percurso médico merecem ainda destaque os estágios de especialização, como bolseiro, em algumas das melhores clínicas e maternidades de França (Paris, 1931 e 1939) e de Itália (Módena, Turim, Bolonha e Milão) em 1836; os diplomas de prémios em Anatomia sistémica e Anatomia topográfica; a participação em inúmeros congressos nacionais e internacionais; e ainda, o contributo como co-fundador e membro de várias agremiações científicas, como a Sociedade Anatómica Portuguesa, a Sociedade Anatómica Luso-Hispano-Americana e a Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia Portuguesa. ⁽¹⁴⁾

Mudança de vida

Escreveu em 1973, por altura da sua jubilação como director do Museu Nacional de Arqueologia, sobre o motivo que o levou a uma mudança de carreira: “O meu interesse por assuntos históricos data desde o liceu. (...) Estas minhas tendências eram conhecidas dos amigos. Foi assim que, tendo ido passar umas férias a casa de uma família muito amiga, encontrei à chegada um grupo de rapazes, ali hospedados. E logo à entrada me intimaram a matricular-me na Faculdade de Letras de Lisboa, juntamente com eles, pois todos haviam resolvido fazer o mesmo. E como eu tinha interesse por estes assuntos, teria que acompanhá-los.” ⁽¹⁵⁾ Viria a inscrever-se, de facto, no curso de Ciências Históricas e Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, mas só em 1949, licenciando-se em 1954, com média final de 15 valores, apresentando a tese de licenciatura: “Egitânia: História e Arqueologia”, que viria a ser publicada pela Faculdade.

Em 1955 daria início à exploração arqueológica sistemática de Idanha-a-Velha (Egitânia), relativamente perto da sua terra natal, o Fundão e em 1957 aceitou o lugar de segundo assistente da Secção de História da Faculdade de Letras.

Completoou o seu doutoramento em Arqueologia e História da Arte em 1962 com a tese “Arte Visigótica em Portugal” tornando-se assim, o primeiro doutorado desta área

em Portugal. Este trabalho viria a ser publicado em "O Arqueólogo Português" obtendo o Prémio da Fundação Calouste Gulbenkian, de Arqueologia, em 1963.

Depois de prestação de provas públicas, em 1967, obtém o lugar de Professor Agregado de Arqueologia e História da Arte na Faculdade de Letras de Lisboa e torna-se primeiro assistente da Secção de História. Viria a ser Director desta Faculdade entre 1969 e 1973.

Tomara posse, entretanto, do cargo de Director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia em 1967 e iniciaria uma nova série da revista "O Arqueólogo Português", fundado por José Leite de Vasconcelos e da qual saíram pontualmente, até 1972 – ano da sua jubilação – seis volumes.

Ocupou outros cargos, não menos importantes, nomeadamente, Director do Museu Arqueológico de Odrinhas, Director do Museu Regional de Castelo Branco, e Vogal da Subsecção de Arqueologia e da Subsecção de Museologia da Junta Nacional da Educação.

Em 1958 distinguiu-se como Secretário-geral do I Congresso Nacional de Arqueologia, realizado em Lisboa. ⁽¹⁶⁾

Foi membro de várias agremiações científicas nacionais e internacionais, das quais se destacam a Academia Portuguesa da História; a Associação dos Arqueólogos Portugueses (da qual foi Presidente); o Instituto Português da Arqueologia, História e Etnografia e foi correspondente da Real Academia de la Historia (Madrid). ⁽¹⁴⁾



Fig: 4 - D. Fernando de Almeida como convidado de programa "*Sabe o que foi a Egitânia?*", exibido a 01 de Junho de 1971
Imagens do Arquivo RTP

Dirigiu e impulsionou escavações em vários pontos do país: Idanha-a-Velha, Miróbriga (Santiago do Cacém), S. Miguel de Odrinhas, Teatro Romano de Lisboa, Templo paleo cristão de S. Girão (Nazaré), Tróia (Setúbal), Cerro da «Villa» (Quarteira) e ainda Zambujal (Torres Vedras).

Com o seu dinamismo e entusiasmo incentivava os alunos a participar nas escavações. “Constituiu uma verdadeira escola prática de terreno, onde muitos e muitos alunos da Faculdade de Letras deram os seus primeiros passos no domínio sempre difícil e muitas vezes ingrato da Arqueologia, alguns deles ficando por ela definitivamente fascinados.”⁽¹⁾

Se a produção científica como médico já era notável, então na área da Arqueologia e História da Arte, seria verdadeiramente extraordinária, com a escrita de quase uma centena de artigos, grande parte deles sobre a Antiguidade Tardia e sobre a Alta Idade Média.

Faleceu em Lisboa a 29 de Janeiro de 1979, sendo trasladado para o cemitério do Alcaide a 9 de Junho do mesmo ano.



Fig: 5- D. Fernando de Almeida como convidado de programa *Sabe como se fazem Pesquisas Arqueológicas?*, exibido a 23 de Outubro de 1971.
Entrevista realizada nas escavações em Miróbriga (Santiago do Cacém)
Imagens do Arquivo RTP

Legado na Arqueologia

D. Fernando de Almeida deixou um “vestígio inapagável nos estratos da História da Arqueologia Portuguesa” ⁽¹⁷⁾. Não se limitou a publicar inventários. Por um lado, cultivou os estudos monográficos, por outro, “elaborou um modelo conceptual operativo em História da Arte e em Arqueologia, ao sistematizar, em três grandes núcleos estilísticos (suévico, lusitânico e olissiponense), o crescente espólio datável dos séculos IV a VIII em território nacional.” ⁽¹⁸⁾ A ele “devemos o primeiro verdadeiro, e sistemático inventário da Arte Visigótica no nosso país.” ⁽¹⁸⁾

Em relação à escavação de Egitânia (Idanha-a-Velha) “conseguiu, assim, fazer renascer das cinzas e do esquecimento, uma cidade que devolveu à luz do dia, constituindo o primeiro grande projecto português de Arqueologia Urbana bem-sucedido, o qual, só muitos anos depois, teve outro que se lhe pudesse comparar: refiro-me a Bracara Augusta.” ⁽¹⁾

Ao encorajar a participação dos estudantes e dos jovens investigadores nas suas escavações e ao permitir o acesso destes às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, deu oportunidades a toda uma nova geração de criar ciência e avançar o conhecimento da História do nosso País com o seu trabalho e a abertura aos mais novos deu futuro ao passado.

Depois da sua morte, a família fez doação do seu espólio bibliográfico ao Museu Francisco Tavares Proença Júnior em Castelo Branco que em 1985 criou uma biblioteca com o seu nome.

Outras homenagens se seguiram, como as celebrações no ano em que se completou um século sobre o seu nascimento na Associação dos Arqueólogos Portugueses e na Academia Portuguesa da História, ambas em Lisboa, a 27 de Novembro de 2003; na Câmara Municipal do Fundão, em associação com a vizinha freguesia do Alcaide, no dia seguinte; e, já em 2004, em Castelo Branco, pela Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, com o colóquio “Recordar D. Fernando de Almeida”, a que se juntou em Agosto uma exposição sob o título “As voltas de uma vida.” ⁽¹⁹⁾

O nome do Prof. D. Fernando de Almeida ficou, desde o dia 28 de Novembro de 2003, publicamente gravado na localidade de Alcaide num pequeno monumento em sua honra (Fig: 6).



Fig: 6 - Memória escultórica em Alcaide, inaugurada a 23 de Novembro de 2003.

Conclusão

Muito ficará por dizer da vida e obra de D. Fernando de Almeida. Tudo aquilo que encontrei escrito sobre este homem fascinante versa o seu contributo para a História e Arqueologia em Portugal. Apesar de todos dedicarem algumas linhas ao passado médico de D. Fernando de Almeida nenhum dos artigos aprofunda o seu contributo para a Medicina.

Da meia centena de publicações que escreveu na área da Medicina decidi destacar as escritas em colaboração com Egas Moniz. A aplicação da angiografia para visualização da circulação arterial e venosa, tanto no vivo como no cadáver, permitiu observar e descrever os vasos na sua posição real e encontrar várias imprecisões nos tratados anatómicos sobre os trajectos e disposição dos mesmos. Concluiu que a observação por dissecação implicava retirar o cérebro do crânio o que acabava por alterar a sua anatomia e daí as incoerências nos livros de texto. Dedicou-se então a colher o maior número possível de imagens angiográficas e descrever de forma correta a circulação cerebral pois eram da opinião que a correta identificação das estruturas era essencial para a prática clínica e para o diagnóstico de tumores cerebrais.

A vida levá-lo-ia mais tarde para outras paixões, ou melhor dizendo, levou a sua vida para um novo projecto, a História e Arqueologia, e se já era bem-sucedido como médico, então nesta nova fase atingirá um patamar de êxito só reservado a alguns.

Um manuscrito elaborado por D. Fernando de Almeida reflecte a sua visão e maneira de fazer o paralelo entre Anatomia e Arqueologia, começando por afirmar que entre essas duas ciências existe um elemento em comum: o Homem. “Enquanto em Anatomia se estudam ossos, articulações e músculos, em Arqueologia estuda-se muros, pedras, cacos, vasilhas, ruas, corredores.”⁽¹⁵⁾ Se ele em Medicina tinha a missão de reconstruir o homem físico, em Arqueologia tinha a missão de reconstruir monumentos e memórias.

À sua imagem, fiz minha missão reconstruir a sua memória na casa que o formou, permitindo que tudo o que ele alcançou seja para todos nós um exemplo de que, na vida, nunca é tarde.

Agradecimentos

Um primeiro agradecimento especial ao Prof. Dr. Victor de Oliveira, meu tutor, que tão prontamente aceitou o meu convite e cujo apoio, amabilidade e disponibilidade facilitaram, e muito, a realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Óscar Dias que aceitou, com o entusiasmo que já conhecemos e admiramos, associar esta tese à Clínica Universitária de Otorrinolaringologia.

A ambos deixo uma palavra de carinho pela forma como divulgam a História da Medicina aos alunos da faculdade e por apoiarem trabalhos como o meu. Só podemos fazer o futuro conhecendo o passado e estou-lhes grata pela oportunidade de fazer algo de que me orgulho.

À minha família – ao meu pai, o grande culpado pelo meu amor à História; à minha mãe e à sua paciência infinita; ao meu irmão que me apoia em tudo.

À minha melhor amiga Cátia, que além da sua amizade, me oferece ainda os melhores conselhos e esteve sempre disponível para ler este trabalho e garantir que tudo fazia sentido.

Ao meu amigo Francisco, que me acompanhou naquela memorável visita ao Teatro Romano de Lisboa, onde fiquei a conhecer D. Fernando de Almeida, e cujo apoio e dedicação foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

À equipa da Biblioteca da Faculdade de Medicina de Lisboa que ajudaram na investigação das fontes bibliográficas.

E por último, mas não menos importante, a todos os professores de História que tive o prazer de ser aluna.

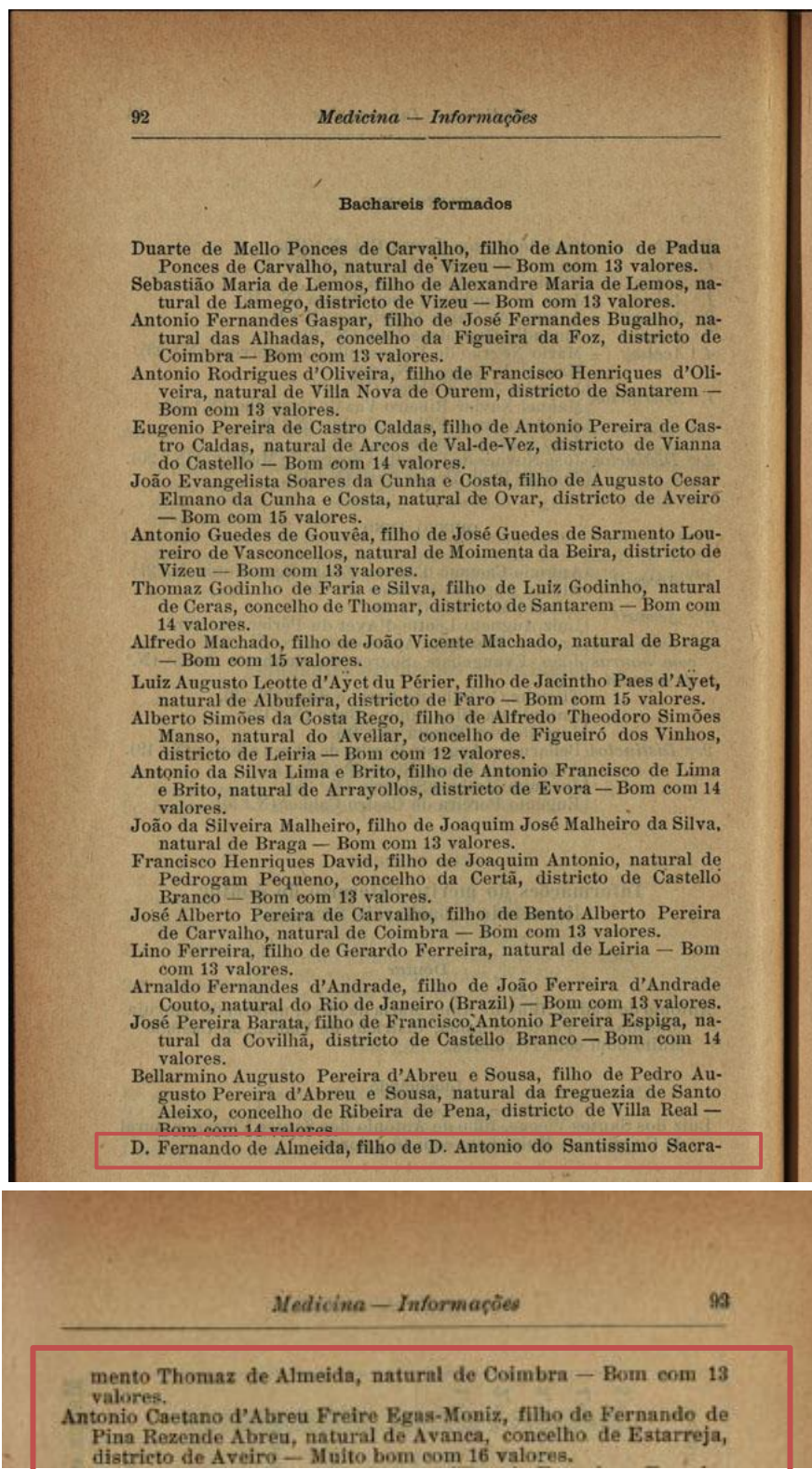
Referências Bibliográficas

1. CARDOSO, J. L (2005) – D. Fernando de Almeida: breve evocação no centenário do seu nascimento. In Ebvrobriça, nº 3. Fundação: Museu Arqueológico Municipal José Monteiro do Fundão, p. 22-27
2. ALMEIDA, F. (1930-31) – Lição inaugural da Cadeira de Anatomia da Escola Superior de Educação Física. Arquivos de Anatomia e Antropologia, vol. XIV, Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, nº 1, pp. 527-532.
3. ALMEIDA, F (1929-30) – Note sur les collatérales de l'artère communicante cérébrale antérieure. Arquivos de Anatomia e Antropologia, vol. XIII, Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, nº 4 (pub. em 1931), pp. 551-553.
4. ALMEIDA, F (1931) – Distribuição, na superfície do cérebro, da artéria Sílvia nos portugueses de condição humilde. Arquivos de Anatomia e Antropologia, vol. XIV, Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, nº 2 (pub. em 1932), pp. 489-521.
5. ALMEIDA, F (1933-34) – Distribuição, na superfície do cérebro, das artérias Cerebral anterior e Comunicante anterior nos portugueses de condição humilde. Arquivos de Anatomia e Antropologia, vol. XVI, Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, pp. 323- 353.
6. ALMEIDA, F (1935) –Arteriographies et phlebographies normales du cerveau.RevueNeurologique, n. ° 4.
7. ALMEIDA, F (1936) – Angiografia cerebrale in condizioni normali e patologiche», Bolet. E Mem. Soc. Emiliano-Romagnola di Chirurgia, vol. II.
8. ALMEIDA, F (1944) – Considerações sobre a distribuição das artérias Sílvia e Cerebral anterior na superfície do cérebro de recém-nascidos de termo. Arquivos de Anatomia e Antropologia, vol. XXIII, pp. 299-305.
9. MONIZ, E., ALMEIDA, F., ALVES, A. (1932) – Visibilidade aos Raios X das veias profundas do cérebro. Lisboa Médica, vol. IX, p. 587-594.
10. MONIZ, E., ALMEIDA, F., ALVES, A. (1932) – Os seios venosos da dura-mater, sua visibilidade aos raios X. Lisboa Médica, vol. IX.
11. MONIZ, E., ALMEIDA, F. (1932) – Seio recto e seio longitudinal inferior. Folia Anatomica Universitatis Coninbrigensis, Vol. VII, fasc. 9º, p. 1-35.
12. MONIZ, E., ALMEIDA, F., ALVES, A. (1932) – La visibilité des sinus de la dure-mère par l'eupreve encéphalographique». Press Médicale, nº 80, p. 1499-1516.
13. MONIZ, E., ALMEIDA, F. (1933) – Le sinus droit et l'ampoule de Galien opacifiés par la voie du tronc basilaire. Lisboa Médica, Ano X, fasc. 10º, p. 587-593.

14. ALMEIDA, F (1936) – Curriculum Vitae.
15. RAPOSO, L. (2003) – A acção de D. Fernando de Almeida na direcção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. O Arqueólogo Português, 4ª série, Nº. 21. Lisboa: p. 13-64.
16. SANTOS, M. F. dos (1985) – Elogio do Prof. Doutor D. Fernando de Almeida. Lisboa. Academia Portuguesa da História, p. 17-35.
17. PROFANO, J. (2017) – Biografia de D. Fernando de Almeida. *In*: Arqueología No Invasiva, Proyecto Idave. Egítania Idanha-a-Velha. Portugal, p. 31-40.
18. FERNANDES, P. A. (2003) – O contributo de D. Fernando de Almeida para o estudo da Alta Idade Média em Portugal. Arqueologia e História, nº 55, Lisboa: p. 205-212.
19. SILVA, J. C. (Nov. 2004) - O Prof. Doutor D. Fernando de Almeida. Cadernos da Cultura, nº XVIII.

Anexos

Anexo I – Anuário da Universidade de Coimbra – Lista de Bacharéis Formados do Curso de Medicina no ano de 1899. Nome de Egas Moniz e D. Fernando de Almeida (pai) salientados, *in Arquivo Digital da Universidade de Coimbra*



4-VIII-72

Ponto de encontro (ponto de encontro) da população

Centro de Centro - Vantagens

inconvênientes

moderadamente propensos
da população local (50%)

ignôramos os avanços
tecnológicos

falta de base acad.
e técnica para crítica
valiosa o que
está feito.

falta de prática de
campo

sentido crítico deficiente

individual: ética que é histórica

Colocação sistemática &
crítica em época e no
meio em que o evento
foi realizado;

Carlos R. háis, o século
de Terceira, o século
de Terceira
resultados

Pacheco sempre que este ponto de
vista utilizado - a favor e o que os
autores, da esquerda, da direita
e de resultados que conseguiram

háis foi este ponto de vista
também os de resultados
e os

háis o C. 14, mas o caso de um
crescimento eletrônico, etc.

o estudo da única pessoa e de
um único ponto de vista, etc.

Agrade: "Lição de Vencimento
foi agradecida porque um
e outro" !!!

um ponto de vista, o ponto
de vista, um ponto de vista
um ponto de vista?

Pacheco sempre que este ponto de
vista utilizado por aqueles que
fazem o trabalho: um ponto
de vista.

Anexo III – Artigo “«*Terminus Augustalis*» entre Talábriga e Langóbriga”, da autoria de D. Fernando de Almeida, publicado em “O Arqueólogo Português” (Série II) em 1953.

Neste artigo, um dos primeiros que escreveu na área arqueológica, um marco limite de território datado do ano 4 DC (no tempo de Augusto). O aparecimento deste “terminus” ajudou a conhecer a divisão administrativa da região (Oliveira de Azeméis) no período romano e deu pistas para a localização de duas cidades – Talábriga e Langóbriga.

«*Terminus Augustalis*» entre Talábriga e Langóbriga

Por
D. FERNANDO DE ALMEIDA

Ul é uma pequena aldeia a poucos quilómetros de Oliveira de Azeméis. As casas, todas modestas, que formam o aglomerado, dispersam-se na sua maioria pelo lado Nascente de um outeiro conhecido por «Crasto». Numa excursão que ali fizemos, em 1956, tivemos ocasião de observar no pequeno monte, restos de muralhas, fragmentos de cerâmica e de material lítico da época castreja, confirmações suficientes do topónimo. Foram feitas escavações superficiais e isoladas, pelo Rev. Abade, que com os achados organizou um pequeno museu na sacristia da igreja paroquial.

Precisamente, na parte exterior da parede voltada a Sul da dita sacristia, foi metida com intenção de ficar a salvo de perda certa e, por outro lado, de a tornar bem visível, um inscrição romana a que atribuímos muito interesse por se tratar de um marco limite de territórios. Não está inédita, a famosa inscrição, mas não foi lida correctamente e daí o ter passado por lápide de somenos importância, como adiante diremos.

Quando em 1790 segundo uns ⁽¹⁾, em 1803 segundo outros ⁽²⁾ se procedeu à demolição da antiga igreja de Ul para em seu lugar ser construída a actual foram encontradas, nos alicerces do velho templo, três

⁽¹⁾ José Fortes, notícia in *Anais do Município de Oliveira de Azeméis*, pág. 347.

⁽²⁾ Pinho Leal, *Port. Ant. e Moderno*, s.v. Ul.

Anexo IV – Trabalhos publicados de natureza médica (por ordem cronológica)

1. «Lição inaugural da Cadeira de Anatomia da Escola Superior de Educação Física» *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. XIV, Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, 1930-31, n.º 1, pp. 527-532.
2. «Notas de Anatomia Descritiva» (1.ª série), *Ibidem*, XIV, 1930-31, n.º 1, pp. 81-89.
3. «Note sur les collatérales de l'artère communicante cérébrale antérieure», *Ibidem*, XIII, 1929-30, n.º 4 (pub. em 1931), pp. 551-553.
4. «Distribuição, na superfície do cérebro, da artéria Sílvia nos portugueses de condição humilde», *Ibidem*, XIV, 1931, n.º 2 (pub. em 1932), pp. 489-521.
5. «Une anomalie rare du Foie», *Ibidem*, XVI, 1933-34, pp. 33-35.
6. «Notes sur l'artère cérébrale antérieure», *Ibidem*, XVI, pp. 75-77.
7. «Notes sur l'artère communicante antérieure», *Ibidem*, XVI, pp. 81-82.
8. «Sur l'irrigation d'un Rein enfer-à-cheval», *Ibidem*, XVI, pp. 167-170.
9. «Distribuição, na superfície do cérebro, das artérias Cerebral anterior e Comunicante anterior nos portugueses de condição humilde», *Ibidem*, XVI, pp. 323-353.
10. «Seio Recto e Seio Longitudinal inferior» (colaboração com Egas Moniz), *Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis*, VII, 1932.
11. «Visibilidade aos Raios X das veias profundas do cérebro» (com Egas Moniz e Abel Alves), *Lisboa Médica*, IX, 1932, pp. 587-594.
12. «La visibilité des Sinus de la dure-mère par l'épreuve encéphalographique» (com Egas Moniz e Abel Alves), *La Presse Médicale*, n.º 80, 1932.
13. «Os seios venosos da dura-mater, sua visibilidade aos Raios X» (com Egas Moniz e Abel Alves), *Lisboa Médica*, IX, 1932, pp. 523-534.
14. «Les Sinus Droit et l'Ampoule de Gallien opacifiés par la voie du Tronc basilaire» (com Egas Moniz), *Ibidem*, X, 1933, pp. 587-593.
15. «Dois tratamentos de algias nos Carcinomas inoperáveis do útero», *Imprensa Médica*, ano I, n.º 1, Lisboa, 1935, pp. 3-12.
16. «Aborto habitual», *Ibidem*, 15 páginas.
17. «Arteriographies et phlebographies normales du cerveau», *Revue Neurologique*, n.º 4, 1935.
18. «Sobre a anatomia do nervo Pré-sagrado. Nota prévia I», *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, XVII, Lisboa, 1935-36, pp. 9-13.
19. «Notas de Anatomia descritiva» (2.ª série), *Ibid.*, XVII, 1935-36, pp. 225-234.
20. «Angiografia cerebrale in condizioni normali e patologiche», *Bolet. e Mem. Soc. Emiliano-Romagnola di Chirurgia*, vol. II, 1936.

21. «Apontamentos sobre a Intradermoterapia no tratamento das Anexites», *Imprensa Médica*, ano III, 1937.
22. «Novas observações sobre a anatomia do nervo pré-sagrado (Nota prévia II)», *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, XVIII, Lisboa, 1937, pp. 15-16.
23. «Pesquisas sobre a acção do Sistema nervoso vegetativo no peristaltismo intestinal» (colabor. com Aldo Constantini), *Ibidem*, pp. 453-457.
24. «Relatório de uma pensão de estudo na Itália», *Ibidem*, pp. 561-571.
25. «Dores de origem pélvica na Mulher e seu tratamento» (colabor. com Jorge Monjardino e Gomes de Oliveira), *Imprensa Médica*, ano III, 1937.
26. «Ricerche sulla Peristalsi intestinale. Sopra l'azione del Sistema nervoso vegetativo» (colab. com A. Constantini), *Bolet. e Mem. Soc. Emiliano-Romagnola di Chirurgia*, vol. III, 1937.
27. «Ricerche sulla Peristalsi intestinale. Sull'azione dell'Atropina, Acetilcolina, Ergotamina, Adrenalina» (colab. com A. Constantini), *Ibidem*, 1937.
28. «Ricerche sulla Secrezione intestinale. Variazioni quantitative in seguito alla introduzione parenterale di soluzioni saline» (colab. com A. Constantini), *Ibidem*, 1937.
29. «Notas de um estágio na Clínica Ginecológica de Paris», *Arquivos de Obstetrícia e Ginecologia*, vol. IV, n.º 2, 1939, 18 pp.
30. «Quisto do epoóforo com infiltração tuberculosa», *Ibidem*, IV, n.º 2, 1939, 8 pp.; in Lisboa Médica, ano XVI, 1939, pp. 744-748.
31. «Endometriose» (colab. com o Prof. Jorge da Silva Horta), *Lisboa Médica*, ano XVI, n.º 5, 1939, pp. 279-299.
32. «A propósito de um quisto do Grande Lábio», *Imprensa Médica*, ano V, vol. VII, 1939, 10 pp.
33. «Trois cas d'association d'Endometriose et Tuberculose» (colab. com J. Silva Horta), *Revue Française de Gynecologie et d'Obstétrique*, Paris, 1940, 9 pp.; também in *Arquivos de Obstetrícia e Ginecologia*, ano IV, n.º 3, Lisboa, 1939.
34. «Professor Jorge Monjardino», *Lisboa Médica*, ano XVII, 1940, pp. 423-431.
35. «O retalho tubulado», *Imprensa Médica*, ano VI, n.º 13, Lisboa, 1940, 11 pp.
36. «A esterilidade periódica na mulher», *Ibidem*, 1940, 11 pp.
37. «A propósito da Histerosalpingografia no diagnóstico da gravidez ectópica» (colab. com J. Santos Coelho), *Ibidem*, ano VII, 1941, 6 pp.
38. «Ausência bilateral e simétrica da porção média de ambas as trompas» (colab. com J. Silva Horta), *Lisboa Médica*, ano XVIII, n.º 6, 1941, pp. 353-363.
39. «Adenoma da Glândula de Bertolino», *Arquivos de Obstetrícia e Ginecologia*, 1941; também in *Imprensa Médica*, ano VIII, 1942, 3 pp.
40. «Infiltração do Plexo pelvi-perineal nos estados espáticos do útero em trabalho», *Amatus Lusitanus*, vol. I, n.º 6, 1942.

41. «Anestesia peridural lombar durante o parto» (colab. com J. F. do Rego), *Ibidem*, vol. III, 1944, pp. 458-470.
42. «Considerações sobre a distribuição das artérias Sílvia e Cerebral anterior na superfície do cérebro de recém-nascidos de termo», *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. XXIII, 1944, pp. 299-305.
43. «Tratamento da endometriose», *A Medicina Contemporânea*, ano LXIV, n.º 8, Lisboa, 1946, pp. 327-335.
44. «Notas sobre implantação de comprimidos com hormonas estrogéneas», *Ibidem*, n.º 12, 1946, pp. 525-529.
45. «La meteoropatologia de la eclampsia» (colab. com F. Orengo Diaz delCastillo), *Actas do II Congresso Luso-Espanhol de Obstetrícia e Ginecologia*, Lisboa, 1948, pp. 173-179.
46. «A histerosalpingografia no diagnóstico da gravidez ectópica», *Acta ginaecologica hispano-lusitana*, 1951, pp. 320-325.
47. «A Moral e as novas técnicas médico-cirúrgicas», *Esmeraldo*, n.º 2, Lisboa, 1954, 13 pp.
48. «Notas hipocráticas», *O Médico*, n.º 161, 1954, 13 pp.
49. «Tratamento dos estados espáticos do útero pela infiltração com novocaína», *Boletim Clínico e Estatístico do Hospital do Ultramar*, II série, n.º 5, Lisboa, 1955, pp. 157-160.
50. «Anatomia vascular cerebral», Porto, 1974, sep.de *O Médico*, n.º 1212, vol. 73, pp. 434-437.